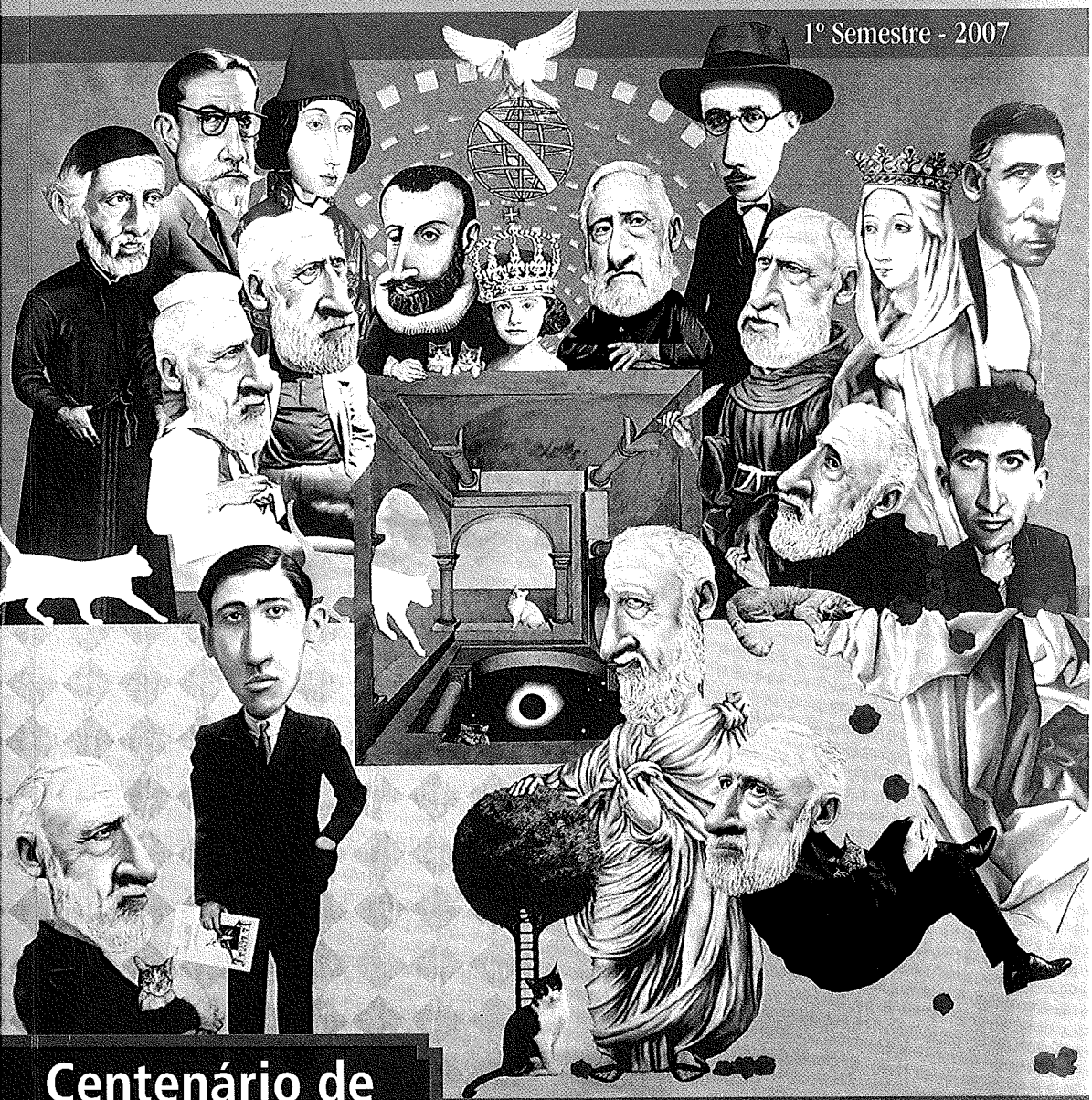


Convergência Lusíada

1º Semestre - 2007



Centenário de

Agostinho da Silva

Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

DIRETORIA

(Biênio 2006/2008)

Antonio Gomes da Costa (Presidente)

Alcides Martins (Vice-Presidente Administrativo)

DEPARTAMENTOS

Centro de Estudos:

Gilda da Conceição Santos (Vice-Presidente)

Madalena Simões de Almeida Vaz Pinto (Diretora)

Biblioteca:

Antônio Basílio Gomes Rodrigues (Vice-Presidente)

Esther Caldas Guimarães Bertoletti (Diretora)

Secretaria:

Albino Ferreira Macedo (Vice-Presidente)

Armênio Santiago Cardoso (Diretor)

Finanças:

Jorge Manuel Mendes Reis Costa (Vice-Presidente)

Francisco Gomes da Costa (Diretor)

Patrimônio:

Agostinho da Rocha Ferreira dos Santos (Vice-Presidente)

Ângelo Leite Horto (Diretor)

Procuradoria:

Bernardino Alves dos Reis (Vice-Presidente)

Antônio da Silva Correia (Diretor)

Centro Cultural:

Antônio da Silva Peña Loulé (Vice-Presidente)

José Manuel Matos Nicolau (Diretor)

Diretores:

João Manuel Marcos Rodrigues Reino

Joaquim Manuel Esparteiro Lopes da Costa

Luís Patrício Miranda de Avillez

Carlos Alberto Soares dos Reis Martins

Sede Própria:

Rua Luís de Camões, 30 – Centro

20051-020 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Telefone: 55 (21) 2221-3138 – Fax: 55 (21) 2221-2960

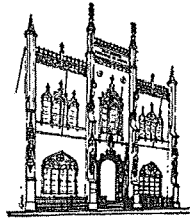
www.realgabinete.com.br

gabinete@realgabinete.com.br

Torne-se sócio do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Revista Convergência Lusíada, 23

Número especial Centenário de Agostinho da Silva (1906–2006)



Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro
Centro de Estudos

1º Semestre - 2007

Revista Convergência Lusíada
ISSN 1414-0381

CONSELHO EDITORIAL

A. Gomes da Costa
António Basílio Rodrigues
António da Silva Peña Loulé
Beatriz Berrini
Carlos Reis
Cleonice Berardinelli
Elza Mine
Esther Bertoletti
Evanildo Bechara
Gilberto Velho
Gilda Santos
Izabel Margato
Jorge Fernandes da Silveira
Laura Cavalcante Padilha
Lélia Parreira Duarte
Marisa Lajolo

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO

António Gomes da Costa - Editor
Amon Pinho Davi
Carlos Francisco Moura
Gilda Santos

Revisão de textos em inglês:

Berty Biron e Natália Guerreiro

Preparação de originais:

Sebastião Edson Macedo

Revisão: José Bernardino Cotta

Capa: Rossana Henriques

Editoração: Rossana Henriques e Ruy Barbosa

Ilustração da capa: “Agostinho da Silva, poeta à solta” – Ilustração de Victor Hugo Marreiros segundo idéia de Luís Sá Cunha (edição do “Elos Clube de Macau”, Junho de 2006)

Pede-se permuta. We ask for exchange. Pide-se canje. On demande l'échange.
Man bittet um Austausch. Chiedesi scambio.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Como “cada momento do mundo é mais rico e complexo do que o anterior”:¹ Agostinho da Silva e Henri Bergson²

*Magda Costa Carvalho**

Se imaginássemos um debate acerca do sentido e da finalidade última do mundo e escolhêssemos como participantes Agostinho da Silva e Henri Bergson, assistiríamos ao diálogo entre dois pensadores fascinantes e ao confronto entre duas perspectivas totalmente distintas de conceber a realidade. Contudo, julgamos que esta divergência de pontos de vista não condenaria, de imediato, uma tentativa de aproximação entre as suas mundividências. Pelo contrário, parece-nos que o encontro entre os dois descobriria igualmente laços de afinidade e de compatibilidade.

Na tentativa de concretizar esse diálogo, a nossa reflexão começará por abordar o que distancia Agostinho da Silva e Henri Bergson, no que respeita à leitura científica de cada um sobre o universo natural, para, posteriormente, apontarmos algumas das possíveis ligações filosóficas entre os dois. Procuraremos, então, sublinhar possíveis influências que a filosofia bergsoniana exerceu na obra de Agostinho da Silva, evidenciando o que nos parecem ser vestígios da presença de Bergson no ideário do pensador português.

Tendo em conta o modo como os dois filósofos entendem o sentido último da existência – orientada, sobretudo, para a assunção humana de um

* Magda Costa Carvalho licenciou-se em Filosofia (Ramo de Formação Educacional) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2000. No ano seguinte, começou a leccionar na Universidade dos Açores, tendo apresentado a esta Instituição, em 2003, provas académicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, com uma tese sobre “O conceito de natureza em Antero de Quental” e uma lição subordinada ao tema “As noções de Verdade e de Justiça no pensamento positivista de Manuel de Arriaga”. Nos últimos anos, tem vindo a ocupar-se das disciplinas de Filosofia Moderna e de Filosofia em Portugal e encontra-se presentemente a preparar o doutoramento acerca do conceito de “natureza” no evolucionismo de Henri Bergson. Para além de artigos em diversas revistas, publicou em 2006 a obra *A natureza em Antero de Quental: o projecto de uma «metafísica positiva»*, uma edição da Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

projecto espiritual fundante e em permanente concretização – consideramos que este Congresso é a ocasião adequada para reflectirmos sobre Agostinho da Silva e Henri Bergson, uma vez que, como iremos evidenciar, as suas obras se assumem, inequivocamente, enquanto *pensamentos de um mundo a haver*.

1. Dois modelos de leitura do real

A 13 de Fevereiro de 1906, nascia George Agostinho da Silva. Por essa ocasião, Henri Bergson contava já com 46 anos de idade e com um sólido e reconhecido estatuto que ultrapassava os limites geográficos e linguísticos franceses e projectava o seu pensamento na cena filosófica internacional. O pensamento de Bergson herdara uma ambiência especulativa que vibrava diante das orientações propostas pelas novas ciências naturais e, nesse sentido, comprometia-se profundamente com a recém-chegada biologia. Já Agostinho da Silva encontrava um mundo totalmente diferente, rendido às propostas de outras perspectivas científicas, em especial à revolucionária física quântica.

Bergson erigiu a sua filosofia segundo o modelo de inteligibilidade que as ciências biológicas propunham, procurando salvaguardar o fluir contínuo que, na sua perspectiva, caracterizava interiormente o real. Agostinho da Silva, por seu lado, advogava uma leitura do universo através de um movimento expansivo descontínuo e seguia de perto as doutrinas vinculadas pela física quântica. Enquanto que Bergson sublinhava, sobretudo, o impulso gerador que percorre toda a realidade e que dá origem ao seu carácter dinâmico e evolutivo – a que chama “*élan vital*” –, Agostinho da Silva considerava importante reter que a física do século XX vinha anunciar o fim da validade científica da ideia de “evolução” e que, conseqüentemente, já não fazia sentido falar-se numa continuidade evolutiva intrínseca a tudo o que existe. Atentemos em dois pequenos excertos onde os autores apresentam e justificam essas opções e em que as suas perspectivas se colocam em pólos diametralmente opostos.

Diz-nos Bergson:

“Reportemo-nos então à experiência: diremos – e mais do que um biologista o reconhece – que a ciência está mais longe do que nunca de uma explicação físico-química da vida. É o que constatávamos inicialmente quando falávamos de um *élan vital*.”³

Ouçamos, por outro lado, Agostinho da Silva:

“Desde que se admitiu a teoria quântica de grãos de energia separados pelo que é fisicamente nada, toda a ideia biológica de evolução ficou destruída, quer como aparece em Lamarck, quer como a fixou Darwin. O que se pode dizer é que cada momento do mundo é mais rico e complexo do que o anterior. Nada de caracteres adquiridos, nada de modificações seja porque luta for e porque selecção se fixe. Há caracteres acrescentados – e nada mais.”⁴

A filosofia que Bergson expunha em obras como *L'Évolution Créatrice* – publicada em 1907, cerca de um ano após o nascimento de Agostinho da Silva – defendia uma concepção ontológica dinâmica, alicerçada na noção de ser como duração. Segundo o filósofo francês, a realidade constituía-se por uma continuidade indivisível de mudança e movimento,⁵ ou seja, o ser é essencial e interiormente “devir”. Dessa feita, Bergson considerava que a melhor forma de dar conta da duração enquanto *estofa da realidade*,⁶ de apreender o crescimento e a evolução intrínsecos à existência, seria adoptar filosoficamente os ensinamentos de ciências como a embriologia,⁷ seguindo de perto as orientações da biologia evolucionista.

Agostinho da Silva, por seu lado, deixou-se seduzir pelas novidades científicas da física quântica. Em 1900, Max Planck, físico alemão, havia formulado a teoria dos *quanta* que serviria de base ao renascimento da física sobre a ideia de que o universo é essencialmente constituído por energia existente em determinadas quantidades (os designados “grãos de energia”, de que falava Agostinho da Silva). Ainda que a teoria quântica tenha surpreendido a Europa no início do século XX, seriam precisas mais de duas décadas para que as universidades portuguesas a assimilassem. Portanto, quando em 1924 Agostinho da Silva ingressa na Faculdade de Letras do Porto, a elite cultural do país despertava para os avanços da ciência física. Ainda que tenha cursado Filologia e se tenha posteriormente dedicado a um pensamento de matriz filosófica e pedagógica, Agostinho da Silva não negligenciava os avanços do conhecimento científico e haveria de cultivar uma simpatia especulativa pela física quântica até ao final da sua vida. No seu entender, diante das novidades científicas trazidas pela nova centúria, a biologia poder-se-ia facilmente reduzir a explicações de ordem física e química, nada justificando a especificidade da sua constituição enquanto disciplina autónoma e diferenciada.⁸

Henri Bergson, como homem do seu tempo, também não ficou indiferente aos progressos da física, nem tampouco aos novos modelos de pensamento que ela propunha.⁹ Porém, segundo o filósofo, a física interpretava a

duração do universo de uma forma truncada, isolando no fluir contínuo do real variáveis e unidades de medida abstractas e justapostas. À semelhança de um cinematógrafo, a física representava a mobilidade através de uma série de visões fotográficas que captavam perspectivas parciais, instantâneas e imóveis do real.¹⁰ Bergson considerava, portanto, que a interpretação física não servia aos fenómenos da vida, constituídos por um fluir único e contínuo.¹¹

Encontramo-nos, assim, diante de um cenário dissidente em que Bergson se assume como adepto de uma continuidade evolutiva biológica e Agostinho da Silva afirma uma maior proximidade à leitura descontínua da física quântica. Contudo, parece-nos possível investir numa plataforma comum de entendimento entre os ideários filosóficos que cada um representa. As afinidades começam desde já se atendermos às suas motivações últimas. Os dois encontravam-se diante da mesma questão: *como é que caminha o mundo?* Um e outro se interrogavam em face da profusão ôntica que nos rodeia e de como é que nós, seres que se destacam pela racionalidade e pela consciência, fazemos parte dessa aventura cósmica. Mais do que isso, estavam ambos certos de que reside no homem a resposta final a todos os enigmas, e procuravam deslindar de que forma é que a humanidade concretiza, ou pode vir a concretizar, o desfecho da grandiosa marcha universal.

“Mas não será esta uma atitude que caracteriza um grande número de filósofos?”, poder-se-ia objectar. “Certamente”, respondemos. Porém, há um aspecto que particulariza e aproxima os projectos dos nossos autores: o de que tanto Henri Bergson como Agostinho da Silva pensam o mundo como um todo em permanente desenvolvimento ou expansão, seja ao nível físico-biológico, seja ao nível metafísico-espiritual. Os dois filósofos concebem o universo como um processo em aberto: que se traduz num *crescimento contínuo*, para Bergson,¹² e onde *cada momento é mais rico e complexo do que o anterior*, segundo Agostinho da Silva.

Por isso, não temem a noção de “imprevisível”, acolhendo-a enquanto núcleo por excelência da manifestação do ser: Agostinho afirma que o divino que o homem alberga no seu seio se manifestará sempre de uma forma imprevista (permanecendo até imprevisível se, e quando, se manifesta) e concebe precisamente o Espírito Santo – conceito maior do seu pensamento – como a imprevisibilidade por excelência;¹³ Bergson, por seu turno, define toda a natureza como *uma imensa eflorescência de imprevisível novidade*,¹⁴ considerando inauditas e inesperadas as formas biológicas que a vida cria no seu movimento evolutivo¹⁵ e apresentando a consciência – motor de toda a evolução biológico-metafísica – como o domínio da indeterminação e da imprevisibilidade.¹⁶

Uma vez aceite esta primeira sintonia entre os dois pensadores, prossigamos a aproximação entre as suas filosofias.

2. A presença de Bergson no ideário de Agostinho da Silva.

2.1. Bergson em Portugal: breves notas.

A análise das influências bergsonianas no ideário de Agostinho da Silva deve começar por atender, de um modo geral, à presença de Bergson no pensamento filosófico português contemporâneo. Está ainda por fazer, na sua total dimensão e amplitude, o estudo dessa presença. Contudo, o âmbito previsto pela nossa reflexão autoriza-nos apenas a sublinhar algumas breves notas sobre esta questão.¹⁷

Desde muito cedo que filósofos e homens de ciência portugueses se debruçaram sobre a obra do pensador francês, datando das primeiras décadas do século XX a transposição de determinados passos da obra bergsoniana para a língua portuguesa. Foi o que aconteceu em 1919, na sequência de um estudo intitulado *Dinâmica do pensamento*, que constituiu uma dissertação de final de curso da Faculdade de Medicina de Lisboa.¹⁸ Nessa obra, Bergson é amplamente citado a propósito de temáticas do domínio psicológico e, segundo o autor António Aleixo de Sant'Anna Rodrigues – numa carta que enviou a Bergson nesse mesmo ano, a acompanhar um exemplar dessa sua tese –, nunca antes se haviam encontrado trechos da filosofia bergsonista traduzidos para o nosso idioma.¹⁹

Mas, cerca de 10 anos antes, no final da primeira década do século XX, já Leonardo Coimbra publicava algumas reflexões que denunciavam claramente um acompanhamento sério e comprometido do bergsonismo.²⁰ Este pensador haveria de se tornar responsável por uma divulgação em larga escala da filosofia de Bergson em Portugal, em especial no que respeita ao combate bergsoniano em prol da reabilitação da metafísica diante dos excessos do positivismo oitocentista. Em 1919, Leonardo Coimbra funda a Faculdade de Letras do Porto, instituição onde, durante vários anos, formou um leque diversificado de discípulos. Ainda que seja necessário salvaguardar a originalidade do seu pensamento diante da filosofia de Bergson, é inegável que o magistério de L. Coimbra transmitiu à elite filosófica portuguesa uma visão comprometida e crítica acerca dos conteúdos da filosofia bergsoniana. Uma vez que Agostinho Silva se contava entre essa elite formada pelo magistério leonardino, foram certamente precoces os seus contactos com o universo filosófico de Bergson.

A acção impulsionadora leonardina é testemunhada por dois documentos que nos parecem fundamentais, da autoria de dois dos mais conhecidos discípulos de Leonardo Coimbra e colegas geracionais de Agostinho da Silva. Em primeiro lugar, referimo-nos a uma carta de Delfim Santos ao próprio Bergson, de 1935, onde o pensador português dá conta quer do entusiasmo que na altura grassava entre o núcleo dos discípulos de Coimbra em torno do bergsonismo,²¹ quer do grande interesse com que alguns professores portugueses acompanhavam e divulgavam a obra de Bergson e como o consideravam o mais profundo pensador contemporâneo. O modo como Delfim Santos se dirige ao filósofo francês, tratando-o por “Mestre”, é por si só elucidativo. O encontro entre os dois pensadores concretizou-se uns dias depois e veio a revelar-se decisivo na aproximação de uma determinada facção do pensamento português da época à filosofia de Bergson. O teor desta conversa foi divulgado por Delfim Santos quer numa carta que endereçou de imediato a José Marinho – e que terá amplamente circulado entre outros pensadores portugueses da mesma geração –, quer num artigo intitulado “Una visita a Henri Bergson”, publicado em 1938 no periódico mexicano *Luminar*.²²

Em segundo lugar, referimo-nos a um artigo de Álvaro Ribeiro intitulado “Bergson au Portugal”, publicado em 1956 nos *Études bergsoniennes*. Escrito já após a morte de Leonardo Coimbra (1936), e também de Bergson (1941), este curto artigo vincula como ideia-chave a tese de que fora do grupo de discípulos de L. Coimbra a influência de Bergson não foi nem suficientemente evidente, nem autêntica.²³

Ao fazer parte desta geração pós-leonardina, Agostinho da Silva teve, portanto, ao seu alcance uma ambiência especulativa em profunda sintonia com os conteúdos do pensamento de Bergson. Para além disso, não esqueçamos que, entre os anos de 1931 e 1933, Agostinho foi estudar para Paris, tendo frequentado, para além da Sorbonne, o Collège de France, instituição onde os cursos de Bergson tinham ficado célebres alguns anos antes. Em 1932, durante essa estadia de Agostinho da Silva em Paris, Bergson publicou a última das suas grandes obras originais, *Les deux sources de la morale et de la religion*, escrito que foi preparado ao longo de mais de duas décadas e que era já muito aguardado. A sua recepção no seio da filosofia francesa causou grande polémica e fez despoletar inúmeros debates. Estando em Paris, Agostinho da Silva não ficou certamente indiferente a estes eventos.

Algumas décadas mais tarde, em 1960, já no Brasil, Agostinho proferiu uma conferência sobre Bergson, na Universidade Federal de Santa Catarina.²⁴ Ainda que, infelizmente, se desconheçam os conteúdos dessa palestra, o facto

de ela ter ocorrido dá-nos mais um argumento para conferirmos legitimidade à procura por ecos bergsonianos na obra do filósofo português.

Desta feita, num momento ou noutro do seu percurso, A. da Silva defrontou-se com o pensamento de H. Bergson. Como filósofo que era, não deixou, com certeza, de retirar da filosofia bergsoniana alguns ensinamentos, até porque, como ele próprio advertia, *aprender ideias não tem valor senão quando nos serve para formar ideias*.²⁵ Foquemos, então, alguns conceitos e linhas de leitura onde se torna mais visível a aproximação entre Agostinho da Silva e o bergsonismo.

2.2. Agostinho da Silva e o bergsonismo: aproximações conceptuais.

Apesar de ser consensual que o magistério de Leonardo Coimbra não foi tão decisivo no percurso de Agostinho da Silva como aconteceu com alguns dos seus discípulos, em certos aspectos do pensamento agostiniano ressoam determinadas orientações filosóficas vinculadas pela Renascença Portuguesa. O reconhecimento de um princípio produtor espiritual, actividade dinâmica e criadora, como origem e fundo da realidade, é visível na obra de Agostinho da Silva. Para além da influência dessa disposição espiritualista e criacionista, a leitura agostiniana do “homem” como a pedra-de-toque na marcha perfectibilizadora do mundo bebe directamente do ensinamento leonardino – e, em primeira instância, bergsoniano –, segundo o qual o homem não existe passivamente numa realidade já feita, mas é o sublime *obreiro de um mundo a fazer*. Analisemos mais de perto a trama que perpassa os conceitos de “espírito” ou “divino”, de “criação” e de “homem”, enquanto pontos de contacto entre Agostinho da Silva e de Henri Bergson.

a) “espírito” ou “divino”

A noção de “espírito”, como princípio e força que atravessa todo o universo e nele se faz presente, atrai os dois pensadores, assumindo um papel de extrema relevância na forma como concebem a existência. Num e noutro caso, o espírito é, algumas vezes, referido como “Deus” ou “divino” e quer Agostinho, quer Bergson exibem uma grande cautela no tratamento filosófico que conferem à noção.

Em relação a Bergson, o conceito de “Deus” é provavelmente um dos maiores enigmas da sua obra. Tratado de forma muito breve em *L'Évolution Créatrice*, de 1907, é apenas nas *Deux sources*, de 1932, que é filosoficamente

desenvolvido. De um relato para o outro, contrastam duas posições distintas, senão mesmo contrapolares. Na primeira, encontramos uma concepção imanente de Deus como o centro evolutivo de onde jorram as coisas e os seres, entendido não como uma coisa ou entidade, mas enquanto processo de vida incessante, que o homem experimenta em si mesmo quando age livremente.²⁶ Na obra de 1932, por outro lado, Bergson está já mais perto de um Deus concebido de feição transcendente, ao modo da religião e da mística, e ainda o entende enquanto *energia criadora*.²⁷

No que respeita à leitura agostiniana, apesar da centralidade da noção de “Deus”, são inúmeras as reticências e as cautelas na sua referência, uma vez que o pensador insiste na restrição delimitadora da divindade causada pelas diversas tentativas de a definir e provar.²⁸ Porém, Agostinho refere-se-lhe enquanto espírito criador por excelência²⁹ cuja natureza se cumpre na intimidade ontológica do homem. Entendida como energia ou espírito criador – à semelhança da interpretação bergsoniana –, a divindade é concebida por Agostinho da Silva também entre a transcendência e a imanência,³⁰ ou seja, entre um acto criador onnipotente doador de ser ao mundo e uma auto-realização omnipresente cumprindo-se na liberdade humana. O percurso do universo é, afinal, o percurso que Deus *faz e se faz*, a “aventura” – como lhe chama Agostinho –, *simples e interminável de ser plenamente o que se é*.³¹

b) “criação”

Quanto ao conceito de “criação”, a sua leitura tradicional, herdada do cristianismo, enquanto acto pontual de doação de ser de uma entidade divina separada do mundo criado, sofre aqui profundas alterações. Bergson concebe a criação como movimento perpétuo de surgimento do absolutamente novo e alerta para a necessidade de nos desvincularmos do pré-conceito, segundo o qual existe uma *entidade* que cria outras *entidades*.³² Enquanto duração, o mundo é uma imensa actividade criadora, concretizando-se permanentemente. Agostinho da Silva, por seu turno, interpreta a vida como um *eterno esforço criador*,³³ responsável pela condução dos destinos de um universo dinâmico,³⁴ e antevê a “criação” e o “criado” como contínuos.³⁵ Também aqui, o movimento criador que subjaz a tudo aquilo que existe não se dá de uma vez por todas, mas cumpre-se a cada momento. E, tal como acontece em Bergson, essa concretização dá-se na acção humana.

Criado à semelhança de Deus, o ser humano reafirma a sua filiação divina assumindo-se como instrumento da própria criação. Assim sendo, ambos colocam na capacidade criativa de fazer surgir o novo e o inesperado

a mais alta vocação e sentido da existência humana. Diz-nos Bergson que a criação é a empresa onde Deus cria, à sua imagem, criaturas criadoras,³⁶ e onde aguarda que elas queiram cumprir esse destino, única forma de perpetuar o seu *élan*. Já Agostinho afirma que, mesmo que todos os homens sejam filhos de Deus, é necessário correr o risco de provar e justificar a parecença divina. Ora, essa prova só é possível se o homem, seguindo os passos do divino, se assumir como criador.³⁷

c) “homem”

Ainda que a todos os indivíduos seja feito o desafio de superarem os limites da estrita humanidade, poucos são os que verdadeiramente transformam a sua vida em movimento criativo. Fazê-lo não implica levar a cabo grandes façanhas artísticas ou inventar o mais estranho e singular engenho. Para A. da Silva, consiste simplesmente em assumir a unicidade do projecto que constitui cada ser humano, a cada momento e em todas as ocasiões, comprometer-se diante da ideia de que a cada homem cabe *deixar feito o que nenhum outro fez*.³⁸ Para Bergson, essa escolha significa reproduzir pela acção e por um testemunho constantes a generosidade e o amor que subjazem à actividade divina,³⁹ recusar os limites da individualidade e intensificar, junto de cada homem, focos de generosidade.⁴⁰

Os homens que acedem a essa missão permitem que a sua interioridade seja palco para a final revelação do universo, dando voz à centelha divina que os habita e constitui. Bergson desenvolve este projecto através da noção de “santo” ou “herói” e concebe a redenção integral da criação como a assunção desse destino superior. Agostinho da Silva propõe uma revisão das mentalidades através da acção criadora do espírito, antevendo uma sociedade nova onde a ocupação humana deixará de limitar e esgotar o indivíduo e o encaminhará para a plenitude divina.

Assim sendo, ainda que assumam modelos distintos de leitura do universo, Agostinho e Bergson comungam de uma mesma inspiração espiritual. Ambos investem numa concepção que encara a realidade quer como manifestação físico-biológica de uma energia espiritual potenciadora, quer como incitamento metafísico-moral à acção autenticamente libertadora. Ambos investem numa concepção do mundo que caminha na direcção de um futuro aberto, perpassado por uma actividade divina de doação plena e permanente, e onde *cada momento é mais rico e complexo do que o anterior*.

Notas

- 1 A. da Silva, “Pensamento à solta”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. II, Âncora Editora, Lisboa, 1999, p. 148. O presente estudo foi efectuado ao abrigo de uma bolsa de doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- 2 Comunicação apresentada no Congresso Internacional “Agostinho, pensador do mundo a haver”, ocorrido nas cidades de Lisboa e do Porto em Novembro de 2006, e integrada nas respectivas actas, recentemente publicadas em Portugal.
- 3 H. Bergson, *Les deux sources de la morale et de la religion*, em *Œuvres*, Presses Universitaires de France, Paris, 2001, p. 1.070.
- 4 A. da Silva, “Pensamento à solta”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. II, p. 148.
- 5 Cf. *La perception du changement*, em *Œuvres*, p. 1.384.
- 6 Cf. *L'Évolution Créatrice*, em *ibidem*, p. 800.
- 7 Cf. *ibidem*, p. 802.
- 8 Cf. “FPH”, em *Dispersos*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, s./d., p. 416.
- 9 Bergson conhecia bem a obra de Einstein: questionou-o directamente, em 1922, numa sessão da Société Française de Philosophie e publicou, nesse mesmo ano, a obra *Durée et Simultanéité*, acerca da noção de “tempo” na teoria da relatividade.
- 10 Cf. *L'Évolution Créatrice*, em *Œuvres*, p. 753.
- 11 *Ibidem*, p. 585.
- 12 Cf. *Ibidem*, p. 785.
- 13 Cf. “Do previsível e do imprevisível”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. II, pp. 379-381.
- 14 Cf. *La conscience et la vie*, em *Œuvres*, p. 833.
- 15 Cf. *Les deux sources de la morale et de la religion*, em *ibidem*, p. 1.072.
- 16 Cf. *La conscience et la vie*, em *ibidem*, p. 824.
- 17 Existem variados estudos e referências dispersas que procuram relacionar alguns nomes da filosofia portuguesa contemporânea com a obra bergsoniana, contudo, na sua grande maioria, versam apenas sobre o pensamento de Leonardo Coimbra. Para além disso, em 1986, Pinharanda Gomes publicou um breve estudo intitulado “Bergson e a filosofia portuguesa”, onde apresenta um panorama geral sobre a influência do filósofo francês no pensamento filosófico nacional. Contudo, uma análise comparativa sistemática que desenvolva e justifique as indicações fornecidas por Pinharanda Gomes não foi ainda concretizada.
- 18 A. A. de Sant’Anna Rodrigues, *A dinâmica do pensamento*, Tipografia do Anuario Commercial, 1919.
- 19 Carta inédita, pertencente ao Fonds Bergson de la Bibliothèque Littéraire Jacques Doucet, em Paris, detentora do espólio do filósofo, com o registo BGN-2207 V-BGN-3. Bergson respondeu a Sant’Anna Rodrigues afirmando que, apesar de ter lido apenas superficialmente a obra do investigador português, reconhecia a aproximação do seu trabalho às conclusões da obra *Matière et Mémoire* (cf. H. Bergson, *Correspondances*, Presses Universitaires de France, Paris, 2002, p. 892).
- 20 Cf. M. Ferreira Patrício, “Prefácio” a L. Coimbra, *A filosofia de Henri Bergson*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1994, p. 15.
- 21 Esta carta e outra datada de um mês mais tarde estão ainda inéditas e pertencem também à Bibliothèque Littéraire Jacques Doucet, com a referência BGN-22093/II-BGN-VI.

Atente-se, ainda, no facto de que, cerca de um mês mais tarde, foi Delfim Santos o responsável por fazer chegar

às mãos de Bergson um exemplar do livro *A filosofia de Henri Bergson*, obra que Leonardo Coimbra havia publicado três anos antes.

22 Cf. D. Santos, *Obras Completas*, vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, pp. 197-201; vol. IV, pp. 91-103.

23 Cf. “Bergson au Portugal”, em *Les études bergsoniennes*, vol. IV, Éditions Albin Michel, Paris, 1956, pp. 227-229. Será interessante referenciarmos a publicação, em 1937, do *Ensaio de interpretação bergsonista*, volume I, dissertação de licenciatura que Guilherme de Castilho apresentou em Coimbra e que, ao lado da obra leonardina *A filosofia de Henri Bergson*, constituem os únicos volumes do pensamento português da época que analisam de forma exclusiva e sistemática a filosofia bergsonista.

24 Informação obtida junto do Dr. Amon Pinho Davi e da Dr.ª Romana Valente Pinho, investigadores do espólio e do pensamento de Agostinho da Silva no Brasil.

25 “Glossas”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. I, p. 49.

26 Cf. *L'Évolution Créatrice*, em *Œuvres*, p. 706.

27 Cf. *Les deux sources de la morale et de la religion*, em *ibidem*, p. 1.191.

28 Cf. “Pensamento à solta” e “Ecúmena”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. II, pp. 166; 197.

29 Cf. “As aproximações”, *ibidem*, p. 36.

30 Cf. R. Valente Pinho, *Religião e metafísica no pensar de Agostinho da Silva*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2006, p. 58.

31 Cf. “As aproximações”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. II, p. 35.

32 Cf. *L'Évolution Créatrice*, em *Œuvres*, p. 705.

33 Cf. “Considerações”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. I, p. 105.

34 Cf. “Sobre a ideia de Deus”, em *ibidem*, vol. II, pp. 297-298.

35 Cf. “Pensamento à solta”, em *ibidem*, p. 162.

36 Cf. *Deux Sources de la morale et de la religion*, em *Œuvres*, p. 1.192.

37 Cf. “Pensamento à solta”, em *Textos e ensaios filosóficos*, vol. II, pp. 158-153.

38 Cf. “Macau”, em *ibidem*, p. 384.

39 Cf. *Deux Sources de la morale et de la religion*, em *Œuvres*, p. 1.194.

40 Cf. *La conscience et la vie*, em *ibidem*, p. 834.

Resumo

O artigo pretende relacionar o pensamento de Agostinho da Silva com a filosofia de Henri Bergson, tendo em conta que a obra do autor francês consistiu numa das mais lidas por Leonardo Coimbra e pela geração dos seus discípulos. Agostinho da Silva não foi propriamente um discípulo do ideário leonardino e, conseqüentemente, é certo que as suas reflexões não foram tão permeáveis às teses bergsonianas como aconteceu com outros nomes da filosofia portuguesa contemporânea. Porém, tendo estudado em Paris no início dos anos 30, Agostinho teve com certeza um contacto directo com a grande repercussão filosófica da obra do pensador francês. Ainda que defenda um modelo essencialmente

físico de leitura do real – ao contrário da orientação biológica de Bergson –, é possível encontrar algumas afinidades entre os dois, nomeadamente no desenvolvimento de alguns dos principais conceitos que orientam as suas obras.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Henri Bergson; Física; Biologia; Espírito; Criação; Homem.

Abstract

This article intends to establish a relationship between Agostinho da Silva's thought and Henri Bergson's philosophy, bearing in mind that the French author's books were among the most read by Leonardo Coimbra and his disciples' generation. Agostinho da Silva was not quite a disciple of Leonardo's philosophy, and thus it is certain that his ideas have not been as pervious to Bergson's arguments as other authors from the Portuguese contemporary philosophy. However, having studied in Paris at the beginning of the 1930s, Agostinho certainly had the opportunity of direct contact with all repercussions of this French philosopher's work. Even though he defends an essentially physical model regarding the interpretation of reality – opposite to Bergson's biological orientation –, it is possible to find some similarities between the two, namely concerning the development of some of the main concepts which guide their works.

Keywords: Agostinho da Silva; Henri Bergson; Physics; Biology; Spirit; Creation; Man.